Duas ou três coisas sobre o gênero, a sexuação e o gozo

Pascale Macary-Garipuy
Michel Lapeyre

Os debates sobre feminilidade, feminino, gênero e sexuação vão a todo pano. Aqui, não se trata de fazer um percurso exaustivo da questão, mas sim de ressaltar uma posição que se fundamenta na clínica e encontra sua razão no ensino de Lacan. Examinaremos duas teorizações de "gênero" antinômicas em nossa opinião, embora cada uma delas mantenha certa relação com o movimento feminista, que sabemos ser atravessado por correntes muito divergentes. Uma dessas teorias é a da filósofa americana Judith Butler; a outra, de Françoise Héritier, é operante no campo francês. Nós nos apoiaremos de maneira crítica nessas duas teorias, a fim de avançar sobre o que nos parece o essencial a ser extraído do que Lacan nos deixou acerca da questão menos de "gênero" e mais de sexuação.

tudo é linguagem: o "Gênero" e a radicalidade "queer" (homossexual)

Hoje em dia, muitos partidários do *Gender* pertencentes a diversos campos das ciências humanas, e também da vida[1], fazem a sexuação depender de modelos culturais, de identificações. Os mais ousados pontuam a diferença biológica pautados pelo "gênero", ou seja, pela linguagem. Sustentam que anatomias naturalmente "neutras" em si mesmas são diferenciadas apenas pela cultura. Essa é a posição de Judith Butler, mas foi também a de Foucault.

[1] Rouch e Dorlin. *Le corps entre sexe et genre* (2005).

Isso é muito interessante, uma vez que o real em si não significa nada; é preciso o sistema simbólico para que a diferença se crie. Mas esses autores vão mais longe, pois se engajam em uma crítica do binário masculino/feminino e afirmam que há mais possibilidades para um corpo se sustentar na existência do que apoiando-se nessa pobre repartição de *um* oposto ao *outro*. Uma crítica ao binário de que partilhamos, mas com outros argumentos: não há dois sexos no inconsciente, de acordo... há apenas um e não três, quatro ou uma infinidade.

Nessa lógica de desnaturalização do corpo humano, Butler[2] preconiza a completa separação entre o sexo dito biológico ("dito", pois isso já é uma interpretação) e a significação cultural do sexo: um homem não é obrigado a ter um corpo masculino e uma mulher, um corpo feminino, já que masculino e feminino são culturais, maneiras simbólicas de habitar corpos. Aqui também a psicanálise pode concordar parcialmente: a clínica da histeria ou de certas formas de homossexualidade, por exemplo, mostra que a sexuação não acompanha sempre, nem inteiramente o trilhamento biológico.

Ao rejeitar a orientação fálica, Butler pode autorizar-se a fazer deslizar corpo e gênero um sobre o outro, sem que nada se revele um obstáculo: nem o real do corpo, nem mesmo a estrutura linguageira, já que esta serve apenas à ideologia da dominação masculina. Em uma crítica extrema ao poder masculino, cujo meio mais seguro é a dominação simbólica, ela refuta os meandros linguageiros para falar sobre o sexo e, é claro, o primado do falo, já que para ela o falo não é um significante necessário à sustentação da linguagem. Butler recusa o próprio funcionamento do sistema linguageiro: ela nega o emparelhamento do significante tornado necessário por seu valor negativo, pela falta de positividade causada por sua heterogeneidade em relação ao significado (essa é uma idéia de Saussure, embora suas conseqüências fecundas tenham sido estabelecidas pelo Estruturalismo), e, por certo, a exceção fálica (isso, porém, é mais banal para uma feminista radical), sendo o falo um significante sozinho, sem emparelhamento[3]. Isso, aliás, é o que produz a não-inscrição do feminino no inconsciente.

A posição de Butler torna possível ao sujeito soluções individuais ilimitadas, puras invenções subjetivas. Para tanto, deve-se ultrapassar as leis da linguagem e de todo saber anterior, porquanto o saber é, por definição, viril. Eis aí sua aposta: uma virtualização extremada, invenções individuais evocadas para além de todas as "normas", a fim de existir em seu próprio corpo. Invenções que parecem surgir *ex-nihilo*, sobretudo porque Butler se esmera em criticar as teorias existentes – o que é legítimo, pois sempre partimos do existente –, sem propor um sistema positivo, sendo precisamente aí que seu raciocínio profundamente inteligente peca: por falta.

o obstáculo naturalista

Posições feministas opostas à de Butler surgiram em torno da antropóloga Françoise Héritier e argumentam que a

[2] Butler. *Trouble dans le genre* (1990/2005).

[3] Certa vez, Pierre Bruno disse de modo chistoso: a *phalla* não existe.

diferença cultural se enraíza em um imponderável da natureza, o da fecundidade das mulheres, que é denunciado por Butler. É essa diferença – não superável por natureza – que engrena o pensamento que permanece binário. Para Héritier, a diferença entre os sexos é cifrada segundo uma equivalência: ao 1 corresponde o 2. Simetria dos sexos na simbolização desse real, não passível de ser virtualizado por ser o ponto de escora e de origem do pensamento, mesmo que tal cifração engendre sempre a dominação masculina, *a valência diferencial dos sexos*. Por que essa dominação universal? Porque é dominando as mulheres que os homens podem ter acesso aos filhos, já que são elas que reproduzem os dois sexos. A exclusão das mulheres não do social (no qual elas desempenham papel importante), mas do poder responde à lógica da exclusão dos homens da reprodução e a corrige, pois as mulheres, com seu ventre, reproduzem tanto as fêmeas quanto os machos.

Sylviane Agacinski retomou essa posição em uma obra de forte penetração na mídia chamada *Politique des sexes* [4], na qual traz o problema até nossa modernidade. Ela faz da procriação um imperativo natural e rejeita a dimensão do inconsciente freudiano no que concerne a essa questão. Isso lhe permite ultrapassar o falo como organizador do desejo e formular, como Héritier, um imponderável entre os sexos, ligado à reprodução e, de acordo com ela, ao desejo natural e, portanto, legítimo da criança.

[4] Agacinski. *Politique des sexes* (1998).

Nós nos deteremos nessas duas posições, a fim de enfatizar que, para nós, as teorias que prescindem do falo desembocam seja em uma virtualização total do sexo pelo significante – algo que parece estar mais próximo das feministas americanas –, seja em uma naturalização da diferença sexual decorrente do obstáculo da reprodução sexuada. No último caso, as sexuações "homem" e "mulher" provêm desse imponderável. Os homossexuais, os transexuais e outros têm a função de exceções que confirmam a regra comum.

A clínica não acolhe nem uma, nem outra dessas posições para fundamentar a diferença dos sexos: nem o culturalismo sociológico do *Gender* na linha de *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu[5], ou do feminismo americano, nem uma naturalização da sexuação cujo eixo é o desejo da criança. Como Geneviève Morel já ressaltou, o erro lógico de Héritier é formular uma simetria feminino/masculino entre os sexos, quando o Outro sexo é de uma tal alteridade, que resiste à identificação e à classificação[6]. Nas vezes em que os psicanalistas tentaram essa simetria na famosa "querela do falo" nos anos 1930 e também

[5] Bourdieu. *La domination masculine* (2002).

[6] Morel. *Ambiguités sexuelles* (2000).

nos anos 1970 e 1980, cuja melhor representante foi Luce Irigaray, a referência ao inconsciente em suas teorizações sempre foi abandonada *por se referir ao peso da história e à inércia cultural.*[7]

[7] André. Du pareil au même (2000, p. 45).

a lógica fálica

A psicanálise freudiana afirma que o feminino não se inscreve no inconsciente. De acordo com o falocentrismo (e não falocratismo) da teoria freudiana, o falo é o único significante a representar o sexo no inconsciente: ou fálico/masculino ou não fálico/castrado. Para Freud, cifra-se o um (1) e uma falta (-1). Evidentemente, devemos examinar essa tese à luz do que nos foi legado por Lacan. Digamos, de imediato, que a cifração lacaniana não é 1/-1, mas sim 1/0, uma inscrição e o conjunto vazio. Isso quer dizer que, para todo sujeito, há um furo significante mais do que uma falta de órgão. A norma fálica é o fato de o representante da representação ser recalcado para os dois sexos; caso ele apareça, será objeto de uma denegação. Na lógica freudiana, como precisa Lacan no *Seminário – livro 16: De um Outro ao outro*, ele é um representante inadequado para falar da mulher: "Todavia é apenas sob esse ângulo que a mulher aparece na lógica freudiana – um representante inadequado, de soslaio, o falo, e depois a negação de que ela o tenha, isto é, a reafirmação de sua solidariedade para com esse treco, que talvez seja de fato seu representante, não tendo, porém, nada a ver com ela"[8]. O que falta a essa lógica, continua Lacan, é um significante que possa dizer da relação sexual. A denegação não incide precisamente sobre o fato "de lhe atribuir como caráter não ter o que precisamente nunca foi questão que ela o tivesse?"[9]

[8] Lacan. *Le séminaire – livre 16: D'un Autre à l'autre* (1968-1969).

[9] *Ibid.*

Para ele, as mulheres não são privadas do falo, e a falta sempre é uma interpretação do sujeito. Tal é o que resta precisar, mas sem desdobrar as duas teorizações completas da sexuação, reservando-nos a possibilidade de extrair delas algumas articulações essenciais para nosso propósito.

Para nos situarmos da melhor maneira possível no desenvolvimento que se seguirá, precisemos, inicialmente, o uso que se faz dos significantes "feminino" e "feminilidade". O feminino é o que, no humano, tem de se haver com o real, para além do sexo. É especificamente o que do gozo não pode passar para o significante. O feminino é estrutural, causado pela incompletude simbólica notada por Lacan como S(Ⱥ). Tem a ver mais com a Coisa do que com o objeto, uma vez que o acesso ao objeto – ou melhor, seu não acesso, pois ele, como objeto-causa, é real – toma as vias da linguagem e se torna mais-de-gozar.

A feminilidade, por seu turno, tem a ver com o significante, com o falo. É, por exemplo, a mascarada feminina ou ainda certa maneira de ser mãe, quando a criança vem representar o falo na fantasia de uma mulher. Dito de outro modo, a feminilidade é a medida comum do gozo dos sujeitos que se agrupam do lado direito da tabela da sexuação de Lacan. Trata-se de uma forma de se acomodar com o falo. Para quem fala, é a única maneira de fazer com o sexo.

Assim, a feminilidade, ou seja, a relação com o falo, move-se em função dos modelos e ideais – disso falam os partidários do *Gender*[10] –, fazendo impasse ao feminino. A feminilidade é interrogada pelo "*unissex*"[11] de nossa modernidade. Em outras palavras, o falo tem muitos adornos, dispõe de todos os brilhos, e seu uso é balizado em função das épocas. Com freqüência, tem sido amplamente confiscado pelos homens. Hoje, todavia, as mulheres podem usá-lo de maneira não tão restrita. Assim, em nossos dias, as mulheres podem gozar do poder e os homens podem freqüentar institutos de beleza, muito em voga para eles. Estarão eles deslizando para o lado da mascarada (brilhar com o brilho fálico: ser esse brilho, encarná-lo) e deixando o ter fálico para as mulheres de poder? Outras práticas como o *body-building* ou seu imperativo, por exemplo, são recreativas tanto para as mulheres quanto para os homens.

A Antigüidade grega demonstra algo desse deslocamento fálico no sentido do que é ou não agalmático: a *philia*, então, era mais valorizada do que o amor conjugal[12], e a homossexualidade, sob certas condições, uma marca de virilidade e não de feminização do sujeito, tal como ainda o é hoje, de maneira ampla, no discurso comum.

O valor fálico atribuído aos objetos é metonímico, mas será suficiente atribuí-lo social ou ideologicamente a um objeto, para que ele se torne fálico, como a criança para os pais no caso de tutela partilhada? Trata-se de uma questão.

Apesar de tudo, há uma objeção maior à virtualização total do desejo: as leis da linguagem e do gozo. Este se engancha em um pedaço de real, resiste à linguagem em um ponto e objeta se transformar em mais-de-gozar. O tratamento do gozo por uma linguagem limitada, incompleta, justo por ser um sistema, efetua-se com um resto. Conseqüentemente, o inconsciente que funciona segundo as leis estruturais é furado, ou seja, em um ponto, a pulsão é acéfala. É bem isso que relança seu trabalho: o inconsciente trata, através de suas cifrações, essa Coisa perdida que chama para si os significantes mestres. E justamente porque ele é linguageiro, a determinação sexuada não é evidente para o humano.

[10] *Gender* tem uma significação teórica. Tal como indicado adiante, não se trata de confundir gênero e sexuação, como faz, por exemplo, Leader, que fala – muito bem – da elaboração freudiana da sexuação, chamando-a de "gênero". Isso apenas se presta à confusão em um debate já bastante confuso. Cf. Leader. *La question du genre* (2000/2001).

[11] Soler. *Ce que Lacan disait des femmes* (2003).

[12] Mas notemos que, da dança do toureiro à barbela do machista, quando o sujeito tenta encarnar o falo, está sempre em uma via de mascarada, de feminização: quanto mais se vai em direção à virilidade, mais se caminha rumo à encarnação d'A mulher que não existe.

Há uma carência do sexo real, uma insuficiência da presença ou da ausência de pênis para determinar, como se vê na histeria, no empuxo-à-mulher etc. É necessário uma retomada desse real sexuado do corpo pela linguagem, a fim de que ele faça seu efeito, de acordo ou não com o trilhamento biológico. As modalidades de gozo, as identificações, a escolha de objeto não dependem inteiramente do sexo biológico. Na determinação sexuada, trata-se de uma amarração entre real, simbólico e imaginário.

O corpo humano se divide entre duas anatomias; como ele fala, essa duplicidade, ainda necessária à sua reprodução, é interpretada em termos de diferença[13]. Freud indicou bem depressa que essa diferença era representada por um significante único, o falo. Como no humano nenhum instinto é convocado para saber fazer com o sexo, resta apenas a linguagem para representar – com sua falta – o sujeito sexuado. O falo, portanto, serve para designar os dois sexos no inconsciente: o lado de tê-lo, mas com risco de perdê-lo, e o lado de não tê-lo.

[13] Cf. Morin e Sauret. D'un lieu à l'expérience (Inédito).

A libido se orienta por esse significante, sendo precisamente esse o sentido que se deve dar ao fato de que Freud a considera masculina: no que concerne aos modos de gozo, o sujeito do inconsciente se determina como portador do falo ou não. Em outras palavras, segundo Freud, há para os dois sexos, em primeiro lugar, o gozo polimorfo, que é correlato à "denegação" da diferença dos sexos. Essa negação pode ser mais bem abordada por um enunciado que contém uma dupla negação: não há sexo que não possua o falo, não há sexo que seja castrado em relação a um outro que não o fosse.

A menina será chamada fálica em um tempo anterior ao complexo de Édipo, o que se deve interpretar mais sob a égide da castração materna do que sob a égide da anatomia: no tempo fálico, o sujeito feminino se posiciona como se tivesse algo à sua disposição que preencheria o Outro materno. É apenas em um segundo tempo que a menina se sente castrada, isto é, fundamentalmente em falta para preencher esse desejo. Segundo Freud, portanto, algo do sujeito está, inicialmente, sob o registro de "não faltar", e apenas em um tempo posterior há o sexuado, a sexuação sobre um fundo de falta. Como ele enfatiza, a assunção da castração para a menina é rapidamente organizada: ela viu, ela avaliou, ela não tem.

A operação do complexo de Édipo – ou, em termos lacanianos, da metáfora paterna – certamente vem dar uma resposta ao desejo inquietante da mãe, bem como desmascara a impostura da mãe fálica, barrando-a de seu desejo: ela é faltante e a criança é impotente para preenchê-la.

Ora, se o falo é o significante da falta, ele é, em primeiro lugar, significante da falta materna em uma gramática ativa e reflexiva: a ela falta e ela me falta. Antes de tudo, porque a metáfora paterna fornece a resposta do lado do desejo: o que a mãe quer é o que ela não tem, o falo. Mas o falo assinala também a falta do sujeito, pois a lei do pai interdita a mãe: o sujeito tem falta do Outro materno, do objeto de seu desejo que se torna perda radical, *das Ding*, a Coisa.

Nos termos de Lacan, a divisão do sujeito é situada por Freud:

> [...] sobre essa falta do pênis da mãe na qual se revela a natureza do falo. Aqui, no que concerne à realidade, nos diz Freud, o sujeito se divide vendo abrir-se o abismo contra o qual ele se defenderá por meio de uma fobia, e, ao mesmo tempo, recobrindo-o com essa superfície na qual erigirá o fetiche, isto é, a existência do pênis como mantida, embora deslocada... revelando sobre o próprio falo que ele não é senão esse ponto de falta indicado por ele no sujeito.[14]

[14] Lacan. *Le Séminaire – livre 13: L'objet de la psychanalyse (1965-1966)*, (Inédito, aula de 1 de dezembro de 1965).

Para Isabelle Morin e Marie-Jean Sauret, essa primeira experiência de S(Ⱥ) vem separar os dois sexos[15]. A menina é preparada para esse encontro mediante o consentimento em não preencher a mãe, parecendo ser determinante na questão a descoberta da castração imaginária sobre o próprio corpo. O sexo viril, em função do narcisismo ligado ao pênis, não dará essa mesma interpretação ao se deparar com a castração materna. Ora, a interpretação implica a decisão do sujeito diante da escolha de gozo. O sujeito feminino consente nesse encontro com S(Ⱥ), ao passo que o sujeito masculino tem maior dificuldade em aceitar tanto a castração materna quanto a sua própria.

[15] Cf. Morin e Sauret. D'un lieu à l'expérience (Inédito).

Será que o "não ter pênis" responde pelo fato de as mulheres terem mais a ver com o feminino do que os homens? Em outras palavras, por que encontramos com freqüência, mas nem sempre, as mulheres do lado direito da tabela das fórmulas da sexuação?

a amarração R, S e I

Retomemos a amarração R, S e I (real, simbólico, imaginário) como o que vem determinar a sexuação[16]. Formular

[16] Macary. L'élaboration lacanienne de la jouissance Autre (2004, p. 231-249).

uma amarração permite levar em conta o fato de que se habita um corpo, e isso possibilita objetar tanto a virtualização absoluta do real pela linguagem, como faz Judith Butler, quanto a instauração de uma imponderável natureza da sexuação ligada à reprodução, como o fazem Françoise Héritier e, não tão bem, Sylviane Agacinsky.

De modo geral, Lacan formula um gozo mais limitado pelo falo nos homens do que nas mulheres. Nisso, o mito de Tirésias, ao testemunhar um gozo das mulheres sete vezes superior ao dos homens, diz a verdade. E Tirésias sabia o que dizia, pois mudava de sexo a cada sete anos. No *Seminário – livro 22: R.S.I.*, ele insiste sobre a falha de um homem no que se refere a juntar-se ao corpo do Outro no gozo: "[...] pelo fato de ele ser *aphligé* [...][17], afligido realmente por um falo que lhe barra o gozo do corpo do Outro"[18].

Para Lacan, tudo se articula em torno da falta do objeto *a* e, portanto, da castração simbólica. O objeto é demandado ao Outro materno. Aqui, a castração imaginária é menos operante do que a castração simbólica, e a falta de órgão é menos interrogada do que a castração pelo significante: ao sujeito feminino falta porque ele é um *falasser*. Dito de outro modo, Lacan enfatiza a castração simbólica e não mais a imaginária, como Freud. Para o ser falante, a falta do objeto *a* que causa o desejo é de estrutura, seja o sujeito homem ou mulher. A falta fálica – o *Penisneid* – apenas especifica secundariamente essa falta centrada no objeto *a*, ou seja, apenas recobre a falta mais radical do objeto elidido pela castração simbólica.

Isso nos leva à seguinte precisão: a falta do falo, em Freud, não passa de um dos nomes da falta-a-ter, lado feminino, em Lacan. É uma posição essencial e, em 1975, Lacan faz do conceito freudiano de "bissexualidade" um indício de sua percepção de que a identificação com um sexo é secundária, uma vez que ela decorre de *alguma coisa mais radical*, que é a especificidade de ser falante.[19]

Se, no humano, a sexuação responde ao fato de ele ser linguageiro, a escolha do sexo supõe certas implicações importantes no que diz respeito ao gozo:

> A mulher se revela como superior no domínio do gozo pelo fato de sua ligação com o nó do desejo ser muito mais frouxa. A falta, o sinal menos com o qual é marcada a função fálica para o homem, fazendo com que sua ligação com o objeto deva passar por essa negativização

[17] N. do T. Jogo de palavras possível pela homofonia entre os dígrafos *ff* de *affligé* (afligido) e *ph* de *phallus* (falo).

[18] Lacan. *Le Séminaire – livre 22: R.S.I* (1974-1975), (Inédito, aula de 11 de março de 1975).

[19] Lacan. Réponse à une question de Marcel Ritter (1975, p. 7-12).

> do falo e pelo complexo de castração, estando o status do -φ no centro do desejo do homem, não constituem para a mulher o nó necessário.[20]

[20] Lacan. *Le Séminaire – livre 10 : L'angoisse* (1962-1963/2004, p. 214).

A relação da mulher com o falo é, desde o início, feita de sua negativização: como é desprovida de seu representante no corpo (complexo de castração feminino), sua avaliação é rápida. Já o menino deve negativizar o falo, ou seja, fazer da protuberância de seu representante sobre o corpo um vazio. Será essa a operação produzida pela angústia de castração. O falo, como significante da falta, demanda um esforço suplementar ao sujeito masculino, mais enganado por aquilo que vem representá-lo no corpo.

Em outros termos, *o falo imaginário vem fazer objeção ao -φ da castração simbólica.* O sujeito feminino tem uma relação "mais simplificada com o desejo do Outro"[21] por ser menos problemática quanto à questão da falta fálica, cujo semblante sobre o corpo traz complicações para o homem. O que simplifica a relação da mulher com o desejo é o fato de ela "se interessar pelo objeto como objeto de nosso desejo"[22] – "nosso", aqui, designa a coletividade dos homens. Ou ainda: "Para ela, é uma grande simplificação o fato de que esse objeto fálico só venha, em relação a essa confrontação (com o Outro), em segundo plano, desde que ele represente um papel no desejo do Outro"[23].

[21] *Ibid.*

[22] *Ibid.*, aula de 13 de março de 1963.

[23] *Ibid.*

O falo deveria ser, de preferência, depositado na conta do homem, e sua falta seria antes uma preocupação dele. É pelo fato de o falo ser uma questão do homem que a mulher se interessará por ele. O que o homem busca em sua parceira,

> [...] em seu desejo de onipotência fálica, a mulher pode certamente ser seu símbolo, justamente porque ela não é mais a mulher. Quanto à mulher [...], ela só poderá tomar o falo por aquilo que ele não é, ou seja, *a*, o objeto, isto é, seu pequeno φ, que lhe dá apenas um gozo aproximado do que ela imagina ser o gozo do Outro, do qual sem dúvida ela pode partilhar em uma espécie de fantasia mental, mas que a afasta de seu próprio gozo.[24]

[24] *Ibid.*, aula de 5 de junho de 1963.

Embora a mulher lide mais facilmente com o falo, uma vez que ela não o tem, o retorno deste no circuito, via desejo do homem, parece ser um excesso embaraçoso para a mulher, já que ele lhe impõe "afastar" seu próprio gozo, ao se imaginar partilhando o que ela pensa ser o gozo do homem. Isso, porém,

não passa de uma *fantasia mental*. Fracasso da relação entre os sexos do lado feminino, duplicado pelo fracasso masculino. A *girl-phallus*, em torno da qual gira a dialética do desejo para um homem tampouco está do lado feminino: uma mulher não é mais mulher por representar o símbolo fálico.

Em outras palavras, temos aqui o fracasso fundamental no encontro do homem com a mulher. Um a toma por aquilo que ela não é e passa ao lado do que a torna Outra. A outra entra na relação via uma problemática fálica mais ou menos artesanal, na qual também se perde: *chercher la femme* é a principal palavra dessa elaboração.

A falta fundamental do objeto *a* para todo falasser se recobre da falta imaginária do falo. O falo é um semblante de objeto *a*. Notemos que, quatro anos antes, em *A significação do falo*, Lacan fizera um fetiche desse mesmo falo que as mulheres parecem encontrar no corpo do homem. Nesse texto, portanto, ele já tomara a mascarada feminina – ser o que elas não tem, encarnar o falo que falta ao homem – como uma rejeição essencial da feminilidade por parte das mulheres.[25]

[25] Lacan. La signification du phallus (1958/1966).

Resumamos: o recobrimento da castração simbólica pelo imaginário ocorre de modo diferente nos dois sexos. O homem acredita no objeto que positiva o -φ no corpo, em um semblante. O isolamento no corpo do traço que dirá do sexo como o pequeno φ será tomado por ele com certa seriedade. Ele é mais iludido pelos semblantes.

As mulheres, por sua vez, fazem da castração imaginária sobre seu corpo uma duplicação da castração simbólica. Elas são castradas e o objeto deve ser buscado alhures. Este lhes será dado, a elas que são fundamentalmente faltantes, pelo parceiro. É a entrada na dialética do amor, sobre a qual, no *Seminário – livro 4: A relação de objeto*, Lacan dizia que se sustentava na problemática do dom centrado no objeto fálico, cabendo aos homens dá-lo à parceira.

Detenhamo-nos nessa distância maior das mulheres em relação ao engodo fálico, ao semblante, diante de uma determinada negação da castração no homem. Essa maior facilidade, esse menor logro pelo semblante fálico, é o que abrirá as mulheres para uma outra coisa, situada por Lacan ao lado de S(Ⱥ). Também notemos que essa elaboração leva em conta o imaginário do corpo (pênis) para fazer dele um traço significante (falo). Nesse período estruturalista, nos anos 1960, em que se deu prevalência a um simbólico organizador da existência do sujeito perfurado pelo real de *a*, Lacan valora o imaginário como o que vem dar sua voz ao simbólico: instaura-se uma certa amarração, embora ainda não inteiramente articulável.

O especular se ata ao simbólico por um traço eleito pela linguagem como diferenciador, em função de sua ausência ou de sua presença – no *Seminário, livro 17*, Lacan precisará que é a ordem dada pelo simbólico que faz faltar: se falta um livro na biblioteca, é porque seu lugar vazio é dado pela ordem de classificação[26]. Em *A significação do falo*, este é extraído do campo do imaginário. Para Lacan, o falo em Freud

> não é uma fantasia, se entendermos por isso um efeito imaginário. Ele tampouco é um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), uma vez que esse termo tende a apreciar a realidade implicada em uma relação. Ele é menos ainda um órgão, pênis ou clitóris o qual simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu sua referência do simulacro que ele era para os antigos[27].

[26] Lacan. *Le Séminaire – livre 17: L'envers de la psychanalyse* (1969-1970/1991).

[27] Lacan. La signification du phallus (1958/1966).

O falo é um significante especial, já que determina todos "os efeitos de significado". Na teoria lacaniana, o falo é o significante mestre, a "medida padrão" que, ao orientar todos os significados, orienta a significação.

"O falo é o significante privilegiado dessa marca na qual a parte do logos se conjuga com o acontecimento do desejo". Ele preside o recalque, dá a razão do desejo[28]. O falo é um significante velado, tomado do campo do Outro: o que o Outro materno quer é o falo que a criança encarna durante algum tempo. Esse momento é decisivo porque, dessa posição, o sujeito aprende que a mãe não o tem. É daí que nascem as conseqüências: "aqui se assinala a conjunção do desejo, uma vez que o significante fálico é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia da falta a ter"[29].

[28] *Ibid.*, p. 693.

[29] *Ibid.*, p. 694.

O falo simbólico, a um só tempo, designa a falta de gozo inerente ao falasser, em razão da castração simbólica, e fundamenta toda a valorização social, pois dá valor de gozo a alguns objetos circulantes entre os seres falantes. Assim, no *Seminário – livro 14: A lógica da fantasia,* Lacan faz referência à troca de mulheres, que, segundo Lévi-Strauss, ligada à proibição do incesto, está no fundamento do laço social: as mulheres têm um valor de gozo, um valor fálico.[30] Podemos dizer, de passagem, que essa troca das mulheres parece estar um tanto em desuso: quem hoje está em condições de trocar alguma coisa para perpetuar uma aliança? E as mulheres, ao menos em nosso hemisfério, já não atendem mais ao que querem seus pais ou irmãos, pois se casam ou se juntam com quem bem entendem, prontas a mudar de parceiro

[30] Lacan. *Le Séminaire – livre 14: La logique du fantasme* (1966-1967), (Inédito).

muito rapidamente. Hoje, o mundo quer que o desejo sexual seja mais valorizado do que o amor para os casais, não cabendo, portanto, falar em aliança.

A linguagem virtualiza a natureza que se torna semblante por meio da operação de instauração do falo, com a qual este é o significante mestre para dizer do sexo. "O erro comum"[31] é de todos, e chega até a fazer comunidade, do mesmo modo que o discurso faz laço social, a partir do momento em que o universal do falo se torna comum. O sujeito pode aceitar ou recusar esse erro comum do discurso sexual, a saber: transformar o significado fálico do gozo, no qual a criança é banhada passivamente, em um significante-mestre, sob o qual ele deve decidir inscrever-se inconscientemente. Se o sujeito aceita o erro comum do discurso sexual, entra na sociedade humana fálica, inscreve seu gozo na função fálica, única a poder significar a diferença sexual. Se o sujeito o recusa, tem-se a psicose como estrutura, que poderá se desencadear ou não. O sujeito, então, permanece fora do discurso ou, para dizê-lo de outro modo, não aceita o discurso sexual comum e seu significante-mestre, o falo. Se for esse o caso, deverá inventar uma sexuação inédita, sem a ajuda da função fálica.[32]

[31] Alby. *Contribution à l'étude du transsexualisme* (1956, p. 311).

[32] Cf. Ascaso. *L'effet papillon: transsexualisme et féminin* (2005), (Inédito).

TRADUÇÃO
Contra Capa

AGACINSKI, Sylvaine. (1998). *Politique des sexes*. Paris: Seuil, 2001.

ALBY, Jean-Marc. *Contribution à l'étude du transexualisme*. Tese de Doutorado, Paris, 1956.

ANDRÉ, Jacques. Du pareil au même. In: *De la différence des sexes entre les femmes*. Paris: PUF, 2000.

ASCASO, E. *L'effet papillon: transsexualisme et féminin*. Tese de Doutorado, Rennes II, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 2002.

BUTLER, Judith. (1990). *Trouble dans le genre*. Paris: La Découverte, 2005.

LACAN, Jacques. (1958). La signification du phallus. In: *Ecrits*. Paris : Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 10: L'angoisse* (1962-1963). Paris: Seuil, 2004.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 13 : L'objet de la psychanalyse* (1965-1966). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 14: La logique du fantasme* (1966-1967). Inédito.

Lacan, Jacques. *Le séminaire – livre 16: D'un Autre à l'autre* (1968-1969). Inédito

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 17: L'envers de la* psychanalyse (1969-1970). Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre 22: R.S.I.* (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. Réponse à une question de Marcel Ritter. *Lettres de l'École Freudienne*, Paris, n. 18, p. 7-12, 1975.

LEADER, Darian. (2000). *La question du genre*. Paris : Payot, 2001

MACARY, Pascale. L'élaboration lacanienne de la jouissance Autre. *Evolution psychiatrique*, Paris, n. 69, p. 231-249, 2004.

MOREL, Geneviève. *Ambiguïtés sexuelles: sexuation et psychose*. Paris: Anthropos, 2000.

MORIN, Isabelle & SAURET, Marie-Jean. *D'un lieu à l'expérience*. Intervenção no Colóquio da APJL: Le féminin peut-il renouveler le lien social?, 2005, june; Biarritz, France.

ROUCH Hélène & DORLIN Elsa (org.). *Le corps entre sexe et genre*. Paris: L'Harmattan, 2005.

SOLER, Colette. *Ce que Lacan disait des femmes*. Paris: Éditions du Champ lacanien, 2003.

resumo

Contrariamente às teorias que se referem às identificações e àquelas que se apóiam na naturalidade da função de reprodução, a psicanálise recorre ao real do gozo para falar do sexo. Freud e Lacan mantiveram essa relação com o gozo orientada pelo falo.

palavras-chave

gozo, falo, sexuação, gênero

abstract

Contrary to the theories which referent to identifications – gender theories – or has those being based on the natural function of reproduction, the psychoanalysis in call with the reel of the pleasure to say the sex. Lacan and Freud have maintained this rapport to the enjoyment as directed by the phallus.

key words

enjoyment, phallus, sex-choice, gender

recebido

18/08/2006

aprovado

26/09/2006